


**Histórias de um prédio público por excelência:  
ações de interpretação e valorização da memória  
para os 10 anos de Cefet/RJ – *campus* Petrópolis**


**Patrícia Ferreira de Souza Lima**

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet),  
Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-1023-7445>  
E-mail: [lima.patriciasouza@gmail.com](mailto:lima.patriciasouza@gmail.com)

**Ludmila Vargas Almendra**

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet),  
Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-3500-0161>  
E-mail: [ludric@yahoo.com.br](mailto:ludric@yahoo.com.br)

**Resumo:** O *campus* Petrópolis do Cefet/RJ funciona em uma edificação do século XIX, localizada na principal via comercial prevista no projeto urbano idealizado pelo engenheiro Júlio Koeler. Caracterizando-se, desde sua construção, pela finalidade pública que se reafirma em sua ocupação pelo centro educacional, desde 2008. Em consonância com os propósitos universitários fundamentais da instituição de ensino, o projeto “Cefet/RJ *campus* Petrópolis: histórias de um prédio público por excelência” desenvolveu ações extensionistas de interpretação desse patrimônio que compõe o Conjunto Urbano e Paisagístico tombado, com a finalidade de uma história pública e a construção identitária da instituição. Como metodologia, as ações do projeto foram orientadas pelos princípios e técnicas da comunicação interpretativa, de modo a sensibilizar o público participante e favorecer a interpretação do prédio, sua história e significados. Seu principal eixo de atuação consistiu em visitas mediadas ao prédio, realizadas por alunos bolsistas e voluntários. De março de 2016 a dezembro de 2018 foram realizadas ações que sensibilizaram o público interno e externo. Se por um lado, o projeto contribuiu para capacitar alunos como mediadores e multiplicadores. Por outro, vem possibilitar ao público em geral conhecer e reconhecer o *campus* Petrópolis como lugar de acolhimento e compartilhamento de memórias, participando da construção de interpretações, valorização e divulgação deste sítio urbano histórico e público.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural; História Pública; Cefet/RJ; Petrópolis/RJ.

**Stories of a public building par excellence: interpretation and memory enhancement actions for the 10 years of Cefet / RJ Campus Petrópolis**

**Abstract:** The Petropolis *campus* of Cefet / RJ works in a nineteenth-century building, located on the main commercial road in the urban project designed by Julius Köeler. Since its construction, it has been characterized by the public purpose that has been reaffirmed in its occupation by the educational center since 2008. In accordance with the fundamental university purposes of the educational institution, the project "Cefet / RJ *campus* Petrópolis: stories of a public building par excellence" developed extensionist actions of interpretation of this patrimony that composes the Set Urban and Landscape Set, with the purpose of a public history and the identity construction of the institution. As a methodology, the actions

of the project were guided by the principles and techniques of interpretative communication, so as to sensitize the participating public and favour the interpretation of the building, its history and meanings. Its main line of action consisted of mediated visits to the building, carried out by scholarship students and volunteers. From March 2016 to December 2018 actions were taken that affected the internal and external public. On the one hand, the project helped train students as mediators and multipliers; on the other hand, it enables the general public to know and recognize the Petrópolis's *campus* as a place of reception and sharing of memories, participating in the construction of interpretations, enhancement and dissemination of this urban site historical and public.

**Keywords:** Cultural Heritage; Public History; Cefet/RJ; Petrópolis/RJ.

**Texto recebido em: 07/03/2019**

**Texto aprovado em: 12/11/2019**

Diante de uma imagem, enfim, temos que reconhecer humildemente isto: que ela provavelmente nos sobreviverá, somos diante dela o elemento de passagem, e ela é diante de nós, o elemento do futuro, o elemento da duração [durée]. A imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro que o ser [étant] que a olha. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p.16)

### **Um prédio público, várias histórias**

O projeto “Cefet/RJ *campus* Petrópolis: histórias de um prédio público por excelência”, desenvolvido de março de 2016 a dezembro de 2017, consistiu na elaboração, gestão e promoção de plano de interpretação do patrimônio relativo ao prédio do *campus* Petrópolis do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ). Retomado em 2018, com ações de extensão isoladas, a partir das pesquisas realizadas, ainda hoje agendamos grupos curiosos pela imponente edificação na principal via de comércio da “cidade imperial”.

Situado no Centro Histórico da cidade de Petrópolis/RJ, o *campus* funciona em uma edificação cuja história o antecede e abarca. A edificação ocupa os prazos de número 97 e 98, na planta original da colônia agrícola de Dom Pedro II, na serra. No local, em 1845, foram recebidos os primeiros colonos alemães que participariam ativamente da realização do projeto urbano idealizado por Júlio Koeler, major-engenheiro contratado pelo próprio imperador. Conhecido como os Quartéis do Imperador, ali também foi típica instituição do final do século XIX com uma cadeia pública, hospital improvisado, liceu de artes e ofícios e chegou a ser quartel de bombeiros instituído no avançar do período monárquico (RABAÇO, 1980).

Ainda depois, em tempos republicanos, aquela modesta edificação seria reformada e destinada a ser o Palácio da Justiça, no momento propício em que Petrópolis se torna capital do Estado do Rio de Janeiro, após a investida contra os fortes de Niterói na Revolta da Armada (VASCONCELOS, 1981). Inaugurado em 1894, acrescido de mais um pavimento e vários símbolos republicanos em toda fachada e janelas e portas em ferro fundido, assegura-se ali o novo arcabouço da instituição que registra e controla civilmente a população brasileira pelo Fórum da Comarca de Petrópolis, a Coletoria Estadual e o Quartel Militar dos Bombeiros aos moldes dos franceses (VASCONCELOS, 1981). A cadeia pública logo seria transferida para nova construção, atrás, na Rua 24 de Maio, como já havia sido previsto pela gestão anterior (Gazeta de Petrópolis, 4 ago. 1892).

Esse arcabouço institucional se exprime na arquitetura e decoração ecléticas que orientaram as construções daquele período (REIS FILHO, 2010), tornando o prédio um marco da arquitetura de final de século, em Petrópolis. A edificação inaugurou, nos primeiros anos da República, as construções de proporções robustas, de caráter historicista e eclético, que teriam continuidade nas primeiras décadas do século seguinte – Correios e Telégrafos de Petrópolis (1922), Grupo Escolar Pedro II (1922), Banco de Petrópolis (1928), Grande Hotel (1930) –, todas na rua prevista no plano Koeler para ser a principal via de comércio da cidade, agora simbolicamente alargada e duplicada, renomeada de Rua do Imperador para Avenida XV de Novembro. São edificações que se destacam entre fachadas de feições ecléticas, *art Déco*, modernas e contemporâneas, que compõem o mosaico arquitetônico que se configurou ao longo do século XX no centro histórico, nas imediações do antigo Palácio Imperial tornado museu apenas em 1940.

O levantamento realizado em periódicos da época indica que as obras do prédio destinado ao quartel de bombeiros, à coletoria e ao Fórum começaram em 1893. Em dezembro de 1894, Dr. Joaquim Mauricio de Abreu tomou posse do cargo de presidente do Estado nesse edifício que, em 1896, passou a ter iluminação elétrica. O jornal *Gazeta de Petrópolis* expressava as expectativas com relação à edificação pública que deveria imprimir ares de modernização à cidade:

estamos certos que o senhor Presidente do Estado solícito, como se tem demonstrado pelo progresso e embelezamento desta cidade, não há de consentir que na nossa principal avenida se erga um edifício público que não esteja em harmonia com o aspecto geral que apresentam as construções modernas” (*Gazeta de Petrópolis*, 5 abr 1893)

A cadeia e delegacia que incomodavam à beira da rua principal da cidade, emprestaram lugar a repartições públicas mais ilustres. Em outras edições, o mesmo jornal qualifica o projeto arquitetônico como “bello”, “feliz escolha”, “bom gosto”, “belleza clássica”, “opulento”, “vistoso”. Depois da construção, refere-se ao edifício como “soberbo”; “especial”, “nobre”, “grande”. Mais tarde, o jornal O Paiz, assim se refere ao revivalismo presente na construção petropolitana: “estilo clássico na arquitetura do Rio de Janeiro” (10 abr. 1913).

Em consonância com o ecletismo de então, o edifício apresenta características predominantes de matriz clássica, identificada com edificações destinadas à função pública, por conferir à sua feição qualidades como racionalidade, equilíbrio, harmonia, clareza e perenidade. À estética clássica aliam-se o significativo emprego do ferro (portas, janelas, escada, clarabóia) e o revestimento do saguão em ladrilho hidráulico, signos de recursos construtivos modernos. Os elementos ornamentais da fachada incluem motivos diversos (florais, faces de leões, querubins, entre outros). No interior, há relevos em estuque nos tetos e pinturas no antigo Tribunal do Júri, por isto, inaugurado apenas em 1895, com cumprimentos ao Sr. Bergerot (Gazeta de Petrópolis, 9 nov. 1895).



Fonte: acervo pessoal das autoras.

**FIGURA 1**

**Fachada principal do Cefet/RJ – *campus* Petrópolis**

A planta simétrica do corpo principal tem como ponto focal a escadaria em ferro bifurcada que leva à sala onde funcionou o Tribunal do Júri, no segundo pavimento, precedida pelo saguão demarcado por arcos e colunatas que abarcam o espaço de circulação, a partir do qual se passa às demais dependências. Na fachada principal e na lateral, atlantes sustentam as sacadas e recebem o público. Na face frontal, a escultura alegórica Justiça repousa sobre a platibanda que esconde o telhado, coroando não apenas a fachada, mas, sobretudo, a mensagem da natureza pública que permeia toda a construção. A essa mensagem, veiculada visualmente pela arquitetura, soma-se a do ideário republicano, personificado na discreta Marianne pintada no teto do Tribunal, bem como na profusão de estrelas presentes em gradis, portas e janelas de ferro. Leões rugem a cada janela alongada em todo perímetro, exaltando proteção e segurança.



Fonte: acervo pessoal das autoras.

## FIGURA 2

### Fachada principal do Cefet/RJ – *campus* Petrópolis

Tendo sido parcialmente tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan) em 1982, como parte do entorno do Conjunto Urbano e Paisagístico, o edifício é considerado um patrimônio histórico-cultural significativo, seja pela qualidade estética de sua arquitetura, seja pela história que ali se inscreveu, enquanto símbolo do poder judiciário regional até 2006.

Subsistindo na percepção do cidadão petropolitano como um prédio público, a edificação que acompanhou a passagem para o século XX, abrigando importantes

fatos e personagens da época, adentrou o século XXI como referência de um passado histórico que se impõe e, ao mesmo tempo, em nova fase como instituição de ensino federal, que completou exatos 10 anos em agosto de 2018. Ao ocupar a edificação, desde 2008, o Cefet/RJ ressepte o primeiro Liceu de Artes e Ofícios da cidade que ali precisou de abrigo inicial, e passou a integrar, de certa forma, parte de sua história, e a perceber a necessidade de conhecê-la, revalorizá-la, para assim compartilhar esse conhecimento com a sociedade, não apenas a petropolitana.

Nesse sentido, nasceram iniciativas isoladas, em geral na dimensão do ensino e no âmbito das disciplinas, envolvendo os alunos do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo que investigavam, no contexto do campo do Turismo, antecedentes e potencialidades da cidade que motivaram a criação do referido curso de graduação e abarcavam, pelos aspectos históricos e vocação turística, a própria edificação na qual a instituição se instalara. Esse prédio de referência para os moradores da cidade, localizado na principal via comercial em meados do século XIX, passou a ser chamado pela população de “Antigo Fórum”, desde a mudança do Fórum da Comarca de Petrópolis dali para outro endereço, percebido como menos nobre e menos conhecido, em 2006. Dois anos depois, foi atribuída à edificação outra finalidade de caráter público: a de centro educacional.

Atravessado por experiências passadas e presentes, o prédio do “Antigo Fórum”, agora Cefet/RJ, passou a se revelar um espaço em que as questões da memória, da cultura e do patrimônio clamavam por interpretações. A partir do ano de 2015, as autoras se mobilizaram para elaborar e implementar no ano seguinte o projeto que ora se apresenta e abrange ações interpretativas dirigidas tanto ao público interno quanto externo, com a finalidade de uma história pública e a construção identitária da instituição de ensino sediada nesse patrimônio edificado.

**FIGURA 3**

**Logomarca criada para o projeto de extensão por Frederico Augusto, graduando do Bacharelado em Turismo (Cefet/RJ)**

Assim, o projeto teve o objetivo de desenvolver ações extensionistas relativas à memória do edifício do antigo Fórum da Comarca de Petrópolis, atual *campus* Petrópolis do Cefet/RJ, considerado patrimônio histórico-artístico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a fim de promover a compreensão, a revisão, a divulgação e a valorização de seu significado para a história petropolitana e para a identidade da instituição de ensino.

Partindo da ideia motivadora de partilhar “histórias de um prédio público por excelência”, o projeto fundamentou-se nos princípios da interpretação do patrimônio, entendida como processo educativo de significação de locais, bens ou manifestações culturais a partir de experiências que favorecem a construção e socialização de saberes. Tal abordagem vem se consolidando como estratégia de articulação entre turismo e patrimônio, desde Freeman Tilden (COSTA, 2009), para quem a interpretação “tem por objetivo revelar significados e relações por meio da utilização de objetos originais, da experiência direta e de meios ilustrativos, mais do que simplesmente comunicar, literalmente, as informações” (1977. Apud. COSTA, 2009, p. 97).

Dessa forma, as atividades previstas relacionaram História, Arte, Patrimônio, Mercado, Comunicação e Gestão, em uma perspectiva interdisciplinar. A partir de suas áreas de atuação – História, História e Teoria da Arte, Administração e Marketing –, as professoras envolvidas no projeto e atuantes no curso, agora com nova grade curricular pelo projeto pedagógico de Bacharelado em Turismo, articularam-se juntamente com os alunos em torno da interpretação patrimonial. Esse processo de interpretação, compreendido como interseção entre Educação Patrimonial e Turismo, favorece a aproximação e sensibilização do público para os bens culturais.

A partir desse pressuposto, a principal atividade desenvolvida foi a visita mediada ao prédio acompanhada por alunos capacitados pelo projeto. Os conteúdos das visitas mediadas versaram sobre história, arte, arquitetura, políticas públicas, legislação patrimonial, questões de Justiça, enfim, as múltiplas dimensões da edificação, local da visita, espaço de interação e objeto de conhecimento. Assim, a partir do diálogo entre as disciplinas envolvidas, os atores no projeto (professoras coordenadoras, colaboradora e alunos bolsistas oriundos da graduação e do ensino médio) e o público participante, buscamos desenvolver estratégias interpretativas que favorecessem aproximações com o prédio do *campus* Petrópolis em seus vários

aspectos e integridade, bem como respondessem à diversidade do público assistido pelo projeto e às novas oportunidades de reflexão.

### **A interpretação: diante do edifício, diante do tempo**

A realização de um projeto de extensão voltado para a interpretação do prédio e disposto a novas oportunidades de reflexão implicava em alguns enfrentamentos. Dentre eles, a disponibilidade para aceder ao desafio de estar diante de um objeto de percepção e compreensão sobre o qual havia escassa documentação e cuja abertura à interpretação exigia a abertura de nosso próprio olhar. Essa condição não era apenas circunstancial, dadas às dificuldades de fontes de pesquisa diretamente relacionadas à construção, mas necessária, tendo em vista a natureza do próprio processo interpretativo. Não se trataria apenas de levantar e levar à comunidade, através de ações extensionistas, informações sobre a edificação e suas histórias, mas, conforme orientam os princípios de interpretação do patrimônio, permitir a revelação de significados e relações entre formas, memórias e relatos, na experiência com a edificação.

Mais do que estarmos diante de um objeto de interesse histórico, cultural, artístico e até afetivo, estávamos nele. Circulávamos entre vestígios e intuições de seu passado, sediados no presente: atravessando rotineiramente seu saguão, transformando suas dependências em salas de aula e laboratórios, utilizando a área embaixo da escadaria como espaço de mostras e exposições, assistindo a palestras e refeições de grau no antigo salão do Tribunal Júri tornado nosso salão nobre e auditório. Principalmente, tratava-se de acolher e indagar a complexidade daquele espaço e daquele tempo.

Para Didi-Huberman, “sempre, diante da imagem, estamos diante do tempo” (2015, p.15). Sua afirmação é o ponto de partida para a releitura crítica da tradição na qual os historiadores costumam buscar a eucronia ou consonância dos tempos, em detrimento das diversas temporalidades que se manifestam nas imagens. Admitindo o anacronismo que as compõe e as esclarece, o intérprete das imagens pode compreendê-las em sua complexidade e abertura permanente a novas percepções. Seja qual for o tempo de sua realização, cada imagem configura vários tempos, a partir das memórias de diálogos travados entre imagens, sujeitos ou



eventos de momentos históricos diversos que são atualizadas em presença da imagem, quando confrontada no presente (DIDI-HUBERMAN, 2015).

Ao questionar os limites da abordagem eucrônica no estudo das imagens e, portanto, o risco de empobrecimento de sua interpretação, o filósofo e historiador assinala:

Mais vale reconhecer como valiosa a necessidade do anacronismo: ela parece interna aos próprios objetos - as imagens - dos quais tentamos fazer história. O anacronismo seria, assim, numa primeira aproximação, um modo temporal de exprimir a exuberância, a complexidade, a sobredeterminação das imagens (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 22)

Reconhecida dessa maneira, uma imagem, em nosso caso uma imagem edificada, pode se mostrar um complexo de relações, a partir do qual é possível interrogá-la, questionar as evidências e permitir a emergência de problemas históricos diversos, como bem observou Didi-Huberman:

Pareceu-me, assim, que configurações anacrônicas estruturavam objetos ou problemas históricos tão diferentes quanto uma escultura de Donatello (capaz de reunir as referências heterogêneas ao antigo, ao medieval e ao moderno), a evolução de um processo técnico tal como a impressão (capaz de reunir o gesto pré-histórico e a palavra vanguardista), o leque antropológico de um material tal como a cera (capaz de reunir, em longa duração, sobrevivências formais e a curta duração do objeto a fundir)... Sem contar com a propensão característica em inúmeras obras do século XX, de Rodin a Marcel Duchamp, de Giacometti a Tony Smith, de Barnett Newman a Simon Hantaï, em praticar, por resultados formalmente homogêneos, tal 'montagem de tempos heterogêneos'. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 29)

A interpretação do prédio nos colocava em situação análoga, diante do qual e no qual precisávamos exercitar o olhar para percorrer e notar temporalidades, policronismos, coexistências.

No que se refere à arquitetura, diversas coexistências podem ser notadas. A começar pelo ecletismo, conciliando aspectos predominantemente clássicos, que por si já remontam à antiguidade, com ornatos de outras referências estilísticas mais recentes, passando pelo franco emprego do ferro, notadamente na montagem da escadaria, exemplar das tecnologias construtivas em voga no final do século XIX. Além dos ladrilhos hidráulicos, provavelmente adicionados à construção já no século XX. O pátio interno dessa estrutura de aparência antiga preservada, correspondente ao corpo principal de dois pavimentos e pé direito alto e à fachada,

foi ocupado por construções anexas para acomodar cartórios públicos e o armazenamento de documentação, por volta dos anos de 1970. Na última década, herdeiro desses espaços, o Cefet/RJ – *campus* Petrópolis vem adaptando-os para o funcionamento como centro de ensino, conforme as necessidades institucionais, os projetos futuros e também os desafios de um prédio parcialmente tombado.

Nesse prédio histórico vivo, que continua a cumprir sua função pública, embora outra, não mais como Palácio da Justiça, cadeia pública e delegacia ou corpo de bombeiros, coexistem marcos visuais desses diferentes momentos, cabendo às estratégias de interpretação torná-los visíveis, aparentes à consciência: emendas, fraturas, intervalos e continuidades experimentadas pelos que transitam na edificação, como a diferença de nível entre os pavimentos do século XIX e do século XX, unidos por um discreto lance de degraus que leva ao anexo das salas de aula. Ou os nichos de alvenaria para arquivamento dos cartórios presentes em algumas salas e hoje sem função - aberturas nas paredes que pairam enigmáticas sobre as turmas em aulas.

Por entre os elementos materiais, formais e simbólicos de tempos diversos que solicitavam interpretação, também a solicitava o invisível. Ali, antes de ser erguido o prédio signo da primeira República, estavam os Quartéis do Imperador, nos prazos já assinalados com tarja preta na planta de Koeler, indicando a importância estratégica dessa localização para fins públicos, o que se reafirmou com a edificação do Palácio da Justiça, no mesmo local. Hoje, diante de sua fachada, é possível falar tanto dos tempos do Império quanto da Primeira República, além dos atuais. E é justamente a partir desse ponto que o projeto se desenhou e que as vistas mediadas ao prédio têm início.

Na construção do projeto, mostrava-se necessária, portanto, a abertura à diversidade, tanto de tempos encarnados no objeto de interpretação quanto dos sujeitos envolvidos no processo. Sobretudo abertura à experiência, entendida aqui como abertura em si mesma, experiência da visibilidade, na qual sujeito e objeto vão de encontro um ao outro e pela qual se opera “a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.29). Por conseguinte, dirigir nossos olhares ao prédio do “antigo Fórum”, atual *campus* do Cefet/RJ, significava também ativarmos seu olhar sobre nós, sermos indagados por ele em face desse encontro. Desse modo, as ações de extensão, especialmente as

visitações mediadas, foram se desenhando à medida que o encontro se intensificava e em resposta às indagações.



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

#### FIGURA 4

#### Visão da visita mediada de grupo no saguão do edifício do Cefet/RJ – *campus* Petrópolis

Assim, o público-alvo abrangeu alunos e servidores do Cefet/RJ *campus* Petrópolis e o público externo da cidade de Petrópolis e arredores, dentre eles alunos e professores da rede pública de ensino, guias de Turismo em formação por outras instituições, convidados a participar de visitas mediadas pela edificação, e de outras atividades, como exposições e curso sobre sua memória e história. A cada ano desse projeto de extensão, novas chamadas nos traziam a possibilidade de diversificar a faixa etária e de nível de escolaridade dos nossos visitantes, que interagem nos enriquecendo com declarações de memórias pessoais, mas, sobretudo com a observação rica de detalhes arquitetônicos a partir de nossas provocações para tal, chamando a atenção para aspectos que nem a equipe havia notado. Como, por exemplo, ramos de café figurados nos capitéis das colunas, em alusão ao principal produto da economia brasileira na virada do século XIX para o XX, cuja representação era freqüente em pisos e ornatos da arquitetura da época.

Desde o início, as ações do projeto foram orientadas pelos princípios e técnicas da comunicação interpretativa, de modo a sensibilizar o público participante e favorecer a interpretação do prédio, sua história e significados. Tais princípios e técnicas devem considerar a percepção e a participação ativa dos

envolvidos, com base em interações dialógicas. Para tanto, a metodologia consistiu no levantamento de temas e recursos, elaboração de estratégias interpretativas e gestão e promoção das ações de interpretação que tiveram nas visitas orientadas ao prédio o principal viés de atuação.

Sendo assim, o projeto foi estruturado em três eixos:

1. Inventário e registro de recursos, temas e mercado: levantamento de conteúdos relativos ao *campus* Petrópolis, bem como sondagem do público a ser atingido (pesquisa de mercado).

2. Elaboração de estratégias interpretativas: capacitação dos alunos bolsistas e voluntários do curso Bacharelado em Turismo e do Técnico em Telecomunicações Integrado ao Médio que atuaram como mediadores e propositores de ações interpretativas. Consistiu em encontros periódicos de estudo teórico e atividades práticas a partir do material pesquisado sobre o prédio e sua história, voltados para o exercício da mediação, com vistas a bem receber e orientar o público na interpretação do prédio, considerando aspectos arquitetônicos, históricos e do patrimônio. A capacitação incluiu visita técnica a museus e centros culturais de Petrópolis e do Rio de Janeiro, com o objetivo de investigar suas estratégias de interpretação do patrimônio. Ocorreram também encontros de avaliação após a realização de ações e eventos.

3. Gestão e promoção de estratégias interpretativas: realização e promoção de visitas mediadas dirigidas aos estudantes e professores da Educação Básica da cidade de Petrópolis, aos estudantes de outros campi do Cefet/RJ e ao público em geral. A atividade teve o propósito de levar o participante a percorrer o *campus* com a orientação de mediadores que o auxiliaram na percepção e na compreensão dos principais aspectos arquitetônicos e históricos que se configuraram na edificação, favorecendo sua interpretação. O roteiro consistiu em paradas estratégicas, a saber: entrada do prédio, com ênfase na sua localização e na fachada, saguão, no Salão Nobre (antiga sala do Tribunal de Júri), pátio interno (estacionamento) entre anexos e biblioteca. As ações de promoção englobaram estratégias de comunicação em mídia impressa e redes sociais, além da pesquisa de público realizada através de aplicação de questionário, no segundo semestre de 2017.

Sustentando-se nesse tripé, as visitas foram oferecidas para o público em geral, mediante agendamento e para o público de eventos promovidos na instituição

que tinham como pontos de conexão com o projeto, o prédio e suas relações com a sociedade. Dentre eles, alunos contemplados pelo projeto de extensão parceiro “Conhecendo os limites do nosso corpo e o Cefet/RJ”, bem como o público da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão – SEPEX e da Semana de Turismo, ambas nos anos de 2016 e 2017. As mediações do percurso pelo prédio continuaram em 2018 para a recepção de calouros da instituição e grupos agendados.

No decorrer desse processo, a compreensão de que interpretar o patrimônio é estimular no visitante o interesse em descobrir um determinado lugar ou objeto foi ganhando consistência. É, para Murta (2002), o processo de acrescentar valor à visita ao enaltecer a história e singularidades do lugar. Ainda segundo a autora, o visitante busca símbolos e significados que mais se destacam. Dessa forma, a interpretação do patrimônio aciona o direcionamento das suas várias formas de olhar para essas especificidades, auxiliando-o a entender a identidade e a essência do lugar. Assim, tanto o objeto de interpretação quanto aqueles que o interpretam afetam-se mutuamente. O público-alvo também deve ser considerado atuante e colaborador na construção do projeto.

De acordo com Murta (2002), a tradição da interpretação do patrimônio sinaliza o valor único de determinado ambiente, visando aguçar a curiosidade em apreender o novo, para que possam existir laços interativos entre visitante e o lugar. Nesse contexto, ao abrir as portas do prédio que atualmente abriga o *campus* Petrópolis do Cefet/RJ aos olhares dos visitantes externos e mesmo aos da comunidade interna, o projeto de extensão “Cefet *campus* Petrópolis: história de um prédio público por excelência” pôde compartilhar percepções e sentidos sobre o edifício, de modo a revelar sua identidade e possibilitar a criação de vínculos com os visitantes.

Considerando o desafio, o projeto mobilizou estudantes bolsistas e voluntários na criação e execução de ações. Além de intervenções no prédio, como a exposição “Entre Reflexos”, que buscou provocar outras formas de ver o espaço, as visitas tiveram o propósito de levar o participante a percorrer o *campus* com a orientação de mediadores o auxiliando na percepção e na compreensão dos principais aspectos arquitetônicos e históricos que se configuram na edificação, favorecendo sua interpretação. O percurso e as paradas consideraram ambientes emblemáticos que reúnem elementos significativos para interpretar a edificação. Ademais, na SEPEX 2016, o projeto promoveu também um curso complementar, de caráter dinâmico e participativo, que tratou da história e da arquitetura do prédio,

instigando o público a trocar reflexões. Seguindo os princípios do esquema interpretativo de Tilden (MURTA, 2002), mais do que informar e comunicar, as ações do projeto buscaram estimular os sentidos, provocar e encorajar o interesse e o envolvimento do visitante, em uma relação de troca, de forma a otimizar sua experiência.

Segundo Paes (2009) o patrimônio é capaz de avivar, pôr em evidência as vias de acesso entre o sujeito e o seu meio. Em outras palavras, o patrimônio contribui para que o indivíduo faça parte da história do meio onde está inserido. Portanto, se por um lado a ação de extensão com foco no patrimônio contribui para capacitar os estudantes como mediadores e multiplicadores, por outro vem despertar o interesse e possibilitar à comunidade interna e externa conhecer e reconhecer o *campus* como lugar de acolhimento e compartilhamento de memórias, participando da construção de interpretações, valorização e divulgação desse sítio urbano público, com a finalidade de uma história pública.

Assim, com base na pesquisa realizada, no levantamento documental e bibliográfico e, principalmente, em depoimentos e trocas entre os participantes, as incursões pelo prédio foram se aprimorando. Cada vez mais, foram abrangendo histórias que tramam a identidade de Petrópolis e os aspectos histórico-artísticos do objeto arquitetônico, valorizando memórias individuais e coletivas, bem como a experiência estética dos visitantes nos percursos no *campus* Petrópolis, importando, conforme o exposto, atualizar percepções e sentidos em presença do prédio histórico que ele ocupa agora.

## **Resultados e discussão**

O projeto de extensão, em dois anos de execução, na forma de ações de extensão isoladas a partir do material levantado e com a participação próxima e efetiva de quatro alunas do curso Bacharelado em Turismo e uma do curso Técnico em Telecomunicações integrado ao Ensino Médio, contribuiu para capacitar alunos desses cursos como mediadores e multiplicadores. Com essa atuação, também contribuiu para despertar o interesse e possibilitar à comunidade interna e externa conhecer e reconhecer o *campus* como lugar de acolhimento e compartilhamento de

memórias, participando da construção de interpretações, da valorização e da divulgação desse sítio urbano público.

Ao abrir as portas do *campus* Petrópolis com ações extensionistas, o projeto não apenas promoveu interação com o público externo, como também articulou as dimensões de ensino e de pesquisa, mobilizando estudantes bolsistas e voluntários na elaboração de conteúdos e na criação e realização das ações. Nesse contexto, a experiência de extensão com foco na interpretação do patrimônio contribuiu para a formação profissional do aluno de Turismo, uma vez que o colocou frente a questões teóricas e práticas próprias do campo de turismo, ao mesmo tempo em que favoreceu formação humana e o exercício da cidadania. Esses últimos aspectos, indispensáveis à formação na Educação Básica, têm impacto na experiência do bolsista oriundo do Ensino Médio. Seja no âmbito da formação profissional em nível superior, seja no nível médio/técnico, os estudantes participantes do projeto tiveram a oportunidade de desenvolver o olhar sensível e reflexivo para aspectos fundamentais da arquitetura, do patrimônio e da história como construções coletivas e passíveis de ressignificação pela sociedade.

Partiu-se do pressuposto de que a interpretação do patrimônio não se dá fora da interação com a sociedade. Desse modo, o projeto contribuiu para capacitar alunos como mediadores e multiplicadores e possibilitou ao público visitante participar do processo interpretativo, socializando impressões, vivências e saberes sobre o cotidiano do sítio urbano público. Com a sua realização foi possível perceber interesse crescente do público pelo tema, o que ficou demonstrado, principalmente, no aumento do número de participantes. Com a base nessa experiência, pretendemos desenvolver estratégias de interpretação mais eficientes, capazes de favorecer maior aproximação da sociedade com o *campus*.

A interação com a sociedade vem sendo construída, respeitando os princípios de interpretação que privilegiam relações dialógicas, estímulo à participação e à reflexão. Através das atividades, o público visitante não apenas aumentou, mas também trouxe desafios e contribuições diversas. Ao realizar o questionário sobre o conhecimento e a respeito da história e do funcionamento do edifício, a frente deles, com transeuntes na própria calçada, onde temos um movimentado ponto de ônibus da cidade, procuramos interagir com as expectativas do que a comunidade externa já sabe e espera de um bom plano interpretativo de educação patrimonial. Cabe destacar o interesse e participação do corpo docente e técnico-administrativo, que aos poucos vem se aproximando para conhecer a história significativa do ambiente

diário de trabalho. A cada ação do projeto, o espaço arquitetônico do Cefet/RJ *campus* Petrópolis afirma-se como lugar e tema de interações sociais que se deram ao longo de tantos anos como órgão público do Estado, para documentos oficiais como título eleitoral e carteira de motorista, cartório de documentos de imóveis e questões do juizado de menores, como sessões no tribunal de júri especial estadual, vêm se demonstrando a principal via de interpretação e de construção de significados sobre o prédio.

Construído nos primeiros anos da República, o prédio que abriga o *campus* Petrópolis do Cefet/RJ é atravessado por antecedentes históricos que remontam ao Império e se inscreve na história republicana como símbolo do poder judiciário regional. Pelo projeto, reafirmou-se como um prédio público por excelência, de portas abertas. Esse caráter público afirma-se na fase como instituição educacional, que tem por desafios a construção de sua identidade na história petropolitana e o pleno desenvolvimento de suas práticas educativas como unidade de ensino pública. Um dos princípios que norteiam tais práticas é o da indissociabilidade entre ensino/pesquisa/extensão. Nesse sentido, este projeto de extensão, cujo foco é a partilha de saberes construídos no ambiente acadêmico com a comunidade, busca a associação com as dimensões de ensino e pesquisa.

A dimensão do ensino está presente durante todo o processo: na seleção dos bolsistas, que cursaram ou estão cursando as disciplinas relacionadas ao tema (História, História da Arte, Patrimônio Cultural, Marketing, Turismo em Museus); nos conteúdos trabalhados nessas disciplinas que são reelaborados no âmbito das especificidades do projeto; na perspectiva formadora dos alunos bolsistas que têm a oportunidade de exercitá-los e aplicá-los nas ações extensionistas e, também, trazer para a sala de aula suas experiências no projeto, enriquecendo seu próprio processo formativo e o dos outros discentes.

A dimensão da pesquisa, guardadas as peculiaridades da pesquisa formal, está presente principalmente na etapa de investigação do prédio e de sua história, que inclui o levantamento de fontes, uma vez que se encontram dispersas e informações sobre o tema são escassas ou insipientes. Assim, os bolsistas são estimulados a elaborar hipóteses, desenvolver atitude investigativa, o espírito crítico e o gosto pela pesquisa.

As atividades de extensão propostas são, então, orientadas pela pesquisa realizada no âmbito do próprio projeto, mas não se limitam a considerar apenas os



saberes construídos na perspectiva acadêmica. Os saberes vindos da comunidade atendida também são considerados, buscando-se não estabelecer a superioridade do saber científico em relação aos dos sujeitos atendidos, cujas memórias e interpretações do prédio devem se inscrever no horizonte de uma história pública, pretendida por esse projeto.

Sendo assim, embora o clímax do processo seja a interação com o público alvo e, assim, a extensão dos saberes construídos para além da comunidade acadêmica, o ensino e a pesquisa dão suporte à ação extensionista e também acabam se beneficiando dela. Durante todo o desenvolvimento do projeto, ensino, pesquisa e extensão vêm se associando, retroalimentando-se, uma vez que as atividades de extensão propriamente ditas são fruto do processo constante de ensino-aprendizagem e de investigação, ao mesmo tempo em que geram experiências e significados que mobilizam para a construção de novas investigações e conhecimentos.

### **Considerações finais**

Em dois anos de experiência do projeto, destacando-se as visitas mediadas, vários objetivos foram alcançados além dos propostos inicialmente. Além das visitas abertas ao público em geral, mediante agendamento, possibilitou atingir como um todo praticamente mil estudantes de todos os níveis de ensino: fundamental, médio, especialmente técnico, tecnológico e graduação. Consideravelmente, foram sensibilizados vários membros do corpo docente e técnico-administrativo do próprio campus Petrópolis para a história dos ambientes que ora ocupam. O público atingido, cada vez mais diversificado, foi reorientando a experiência na construção e adequação do projeto a novas situações.

No que se refere aos diálogos com ensino e pesquisa, o projeto se mostrou um ambiente frutífero. Nessa oportunidade, foi possível estabelecer trocas com disciplinas do curso Bacharelado em Turismo e envolver diretamente turmas do curso médio integrado ao técnico em atividades pedagógicas específicas, como a dos alunos do 3º ano do ensino médio que realizaram uma pesquisa sobre a República Velha a partir de elementos do edifício.

Como fruto da pesquisa realizada no âmbito do projeto, dois alunos do curso de Bacharelado em Turismo apresentaram artigo completo e resumo expandido no 11º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, em 2017.

Contemplado com três bolsas, o projeto contou com a dedicação de uma bolsista do ensino médio e duas da graduação, buscando, além da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o trânsito pelas diferentes modalidades de ensino, respeitando suas singularidades e reconhecendo a importância de contribuições plurais. Sobretudo, ao promover a colaboração entre estudantes do ensino médio e da graduação, o projeto reconheceu o campus Petrópolis do Cefet/RJ como, historicamente, espaço que tem por desafio, abrigar diferentes níveis de ensino de modo a compartilhar diferentes modos de construção de saberes. Além das bolsistas, houve a participação de dois estagiários e de monitores voluntários em cada ação extensionista.

As visitas mediadas estimularam ao máximo a troca de perguntas e informações. As quatro atividades artístico-culturais realizadas expandiram nossa intervenção do edifício para além de seus limites, estimulando e aprofundando o conhecimento de seus detalhes. Através dessas atividades, houve oportunidade de diversificar nosso público. Ao realizar um questionário com transeuntes locais, procuramos interagir com as expectativas do que a comunidade externa já sabe e espera de um bom plano interpretativo de educação patrimonial. Destacamos o interesse e participação dos próprios profissionais da instituição, que aos poucos se aproximaram para conhecer a história significativa do ambiente diário de trabalho.

É possível avaliar que as metas propostas inicialmente foram atingidas. Ao longo do projeto foram realizadas parcerias com a comunidade externa em Petrópolis, como no caso da empresa Ladrilhos Petrópolis, que forneceu material para incrementar as visitas, enriquecendo o projeto e valorizando nosso plano interpretativo, e elaborou a proposta de painel informativo sobre a aplicação dos ladrilhos hidráulicos, tipo de revestimento que compõe significativamente o edifício. Em relação à quantidade de visitas realizadas e ao público atendido as expectativas foram até superadas. Foram crescentes as certificações como ações de extensão ligadas a esse projeto. Alunos, dos diferentes segmentos foram envolvidos de forma qualitativa. O projeto se mostrou promissor na articulação com o ensino e a pesquisa. Os laços da instituição com a comunidade externa e, não menos

importante, entre seus próprios membros, internamente, vem se firmando, com as ações desse projeto e seus desdobramentos pontuais.

Contudo, a avaliação positiva desse percurso não significa a constatação de um desenvolvimento pleno ou concluído, mas convida ao exercício de reflexão, à atualização de objetivos, à renovação de problemas. Interpretar o prédio que ao longo da última década aprendemos a chamar de “nosso” campus, já que é lócus de nossa vida acadêmica, de nossa experiência cotidiana e comum, significa aceder às suas especificidades, abrindo-nos à percepção de suas complexidades e contradições, ao não dito, às lacunas, aos anacronismos. Implica em, no nosso tempo de olhar esse patrimônio edificado, também deixar pairar sobre nós seus múltiplos olhares, advindos de outros tempos. Não é suficiente rememorar seu passado e comemorar seu aniversário enquanto centro de ensino. As reflexões que se abrem pelo presente, diante da sua imagem, não só desvelam passados como imaginam o que há de vir, desafiando-nos à tarefa sempre inacabada de interpretação.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Flávia Roberta. *Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo; Edições SESC SP, 2009.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

\_\_\_\_\_. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.

GAZETA DE PETRÓPOLIS, 4 ago. 1892; 5 abr. 1893; 9 nov. 1895.

MURTA, Stela Maris. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

O PAIZ, 10 abr. 1913.

PAES, Maria Tereza Duarte. Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais – um olhar geográfico. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12., *Anais...* Montevideu, 2009.

RABAÇO, Henrique José. *História social e política de Petrópolis*. Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis; Museu Imperial; Instituto Histórico de Petrópolis, 1980.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VASCONCELOS, Francisco de. *Petrópolis, sua administração na República Velha*. Petrópolis: Edição do autor, 1981. v. 2.

**Patrícia Souza Lima** é Professora dos ensinos básico, técnico e tecnológico no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet), Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação de Ensino de Educação Básica, curso de Mestrado Profissional (PPGEB) do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em História Social pela UFRJ, Mestra em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Especialista em Comunicação Jornalística pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Graduada em História na Universidade Federal Fluminense (UFF).

**Ludmila Vargas Almendra** é Professora dos ensinos básico, técnico e tecnológico no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet), Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil. Mestra e Doutora em Artes Visuais, na área de História e Teoria da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ.

**Como citar:**

LIMA, Patrícia Ferreira de Souza; ALMENDRA, Ludmila Vargas. Histórias de um prédio público por excelência: ações de interpretação e valorização da memória para os 10 anos de Cefet/RJ – *campus* Petrópolis. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 510-529, jul./dez. 2019. Disponível em: <[pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br)>.